

As propriedades temporais das orações infinitivas completivas e finais com *para* em Português Europeu

Purificação Silvano & Luís Filipe Cunha

Faculdade de Letras da Universidade do Porto/
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract:

In this paper we investigate three different types of infinitive constructions involving *para* in European Portuguese, viz. purpose clauses, complement clauses in which *para* behaves as a true complementizer and complement clauses in which *para* behaves as a preposition pertaining to the main sentence. We begin with a brief characterization of the Portuguese simple infinitive, arguing that, in appropriate conditions, it exhibits defective temporal properties that are, nonetheless, non-specified whenever another component in the sentence ascribes temporal information to the infinitive clause. Then we compare the three constructions under analysis: although there are clear divergences in their semantic behaviour, we observe that in all cases the situation represented by the infinitive clause is systematically located in an interval that follows its Temporal Perspective Point provided by the main clause. In order to account for this regularity, we propose that, in these contexts, (i) the infinitive is non-specified regarding its temporal features and (ii) the lexical properties of *para* are responsible for the posteriority reading stated above.

Keywords: semantics, temporal relations, infinitives, *para*, purpose clauses, complement clauses

Palavras-chave: semântica, relações temporais, infinitivos, *para*, orações finais, orações completivas

1. Introdução

Tradicionalmente, as formas não finitas do verbo – nomeadamente os Infinitivos, os Gerúndios e os Particípios – têm sido encaradas como elementos inteiramente desprovidos de informação temporal. No entanto, existe um número crescente de estudos linguísticos que põem em causa este ponto de vista, procurando demonstrar que também estas estruturas contribuem decisivamente para a localização das situações que veiculam.

No presente trabalho procuraremos investigar em que medida é que as propriedades semânticas, em termos de informação temporal, manifestadas pelo Infinitivo Simples contribuem para a interpretação de algumas das construções em que esta forma ocorre. Em particular, focaremos a nossa atenção na comparação entre as orações completivas infinitivas introduzidas por *para*, ilustradas em (1), com as orações infinitivas finais introduzidas por *para*, representadas em (2), no sentido de melhor compreender as semelhanças e as diferenças que se podem observar entre as estruturas em questão.

(1) O professor disse aos alunos para saírem da sala.

(2) Os alunos saíram da sala para brincar no jardim.

Embora, como já referimos, a visão tradicional conceba o Infinitivo Simples como uma forma desprovida de marcas de temporalidade, a verdade é que são inúmeros os estudos que contradizem este ponto de vista, demonstrando que o Infinitivo Simples desempenha um papel importante no que respeita à localização das situações com que coocorre. Assim, por exemplo, Stowell (1982; 2007) sugere que, em determinados contextos,



as construções infinitivas podem dar origem a relações temporais próximas daquelas que são tipicamente desencadeadas pelas formas finitas.

A relevância da associação de marcas de temporalidade aos infinitivos é igualmente posta em evidência por trabalhos que investigam o comportamento sintático e semântico das orações infinitivas selecionadas por diferentes tipos de verbos, tanto em contextos intensionais quanto extensionais (vejam-se, entre outros, Ogihara 1996; Abusch, 1997, 2004; Katz, 2001; Wurmbrand, 2014, para o Inglês; Hernanz, 1999, para o Espanhol; Rau, 2011, para o Alemão; Raposo, 1987; Duarte, 1992; Silvano, 2002; Cunha & Silvano, 2006, 2008; Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010; Duarte, Gonçalves & Santos, 2012; Oliveira, 2014, para o Português).

A ideia de que o Infinitivo Simples interage, no que respeita à temporalidade, com as diferentes configurações em que participa parece ser confirmada em estudos que analisam o seu comportamento em diversos contextos linguísticos, nomeadamente o das orações completivas selecionadas por verbos com e sem orientação temporal especificada (cf. Cunha & Silvano, 2006, 2008; Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010; Duarte, Gonçalves & Santos, 2012), o das orações finais (cf. Barbosa & Cochofel, 2004; Silvano & Cunha, 2016; Magalhães, 2016) ou mesmo o de certas orações relativas infinitivas (cf. Oliveira, 2014; Magalhães, 2016).

Antes, porém, de entrarmos na comparação sistemática entre as orações finais de infinitivo e as completivas introduzidas por *para*, importa dar conta do tratamento que propomos para a caracterização temporal do Infinitivo Simples em Português Europeu. É a essa questão que dedicaremos a próxima secção deste trabalho.

2. Propriedades temporais do Infinitivo Simples em PE

Na sua proposta de análise para a localização e o estabelecimento de diferentes relações temporais entre situações, Kamp & Reyle (1993) introduzem o conceito central de Ponto de Perspetiva Temporal, definido como o intervalo de tempo a partir do qual uma dada eventualidade é perspectivada, ou seja, o intervalo que, de um certo ponto de vista, orienta a sua localização.

A caracterização temporal das eventualidades representadas no discurso assenta, segundo os autores, em duas relações distintas: (i) a primeira, que se estabelece entre o Ponto de Perspetiva Temporal (doravante PPT) e o momento da enunciação e que pode receber os valores de [-Past], se, de alguma maneira, o PPT coincide com o momento da enunciação, ou de [+Past], se o PPT é anterior ao momento da enunciação; e (ii) a segunda, que articula o PPT com o intervalo de localização da eventualidade descrita e que pode ser de anterioridade (se a situação precede o PPT), de sobreposição (se há coincidência total ou parcial entre os intervalos em questão) ou de posterioridade (se o intervalo ocupado pela situação é ulterior ao PPT) (Kamp & Reyle 1993:598).

Se uma situação toma diretamente o momento da enunciação como o seu PPT, podemos dizer que cria um domínio temporal autónomo. Se, pelo contrário, toma como o seu PPT uma outra eventualidade previamente introduzida no discurso, então diremos que se encontra numa relação de subordinação temporal (cf. Silvano, 2002, com base em Declerck, 1991 e Kamp & Reyle, 1993).

Tomando como ponto de partida este enquadramento teórico e as propostas de Cunha & Silvano (2006, 2008) e Gonçalves, Cunha & Silvano (2010), Silvano & Cunha (2016) e Silvano, Cunha & Leal (2019) sugerimos que o Infinitivo Simples, no que respeita aos seus valores temporais em contextos sintáticos de subordinação, pode ser caracterizado da seguinte forma:

- (i) $PPT = e_1$
i.e., o intervalo de localização da situação matriz; logo há sempre subordinação temporal
- (i) Relação com o momento de enunciação: ϕ
- (ii) Relação entre o intervalo de localização da situação e PPT:



- a) Valor [pres]¹: t O TPpt
i.e., o intervalo de localização da eventualidade no infinitivo estabelece com o seu PPT uma relação de sobreposição
- b) Valores não especificados

A caracterização temporal do Infinitivo Simples que propomos dá conta da sua defetividade, na medida em que o infinitivo não revela a capacidade de estabelecer uma relação direta entre a eventualidade que a ele se encontra associada e o momento da enunciação, não podendo, por conseguinte, criar um domínio temporal próprio. Apenas atua na relação entre o intervalo de localização da situação descrita e um PPT previamente introduzido no discurso, *i.e.*, o intervalo de localização da situação com que se combina, havendo, por isso, sempre subordinação temporal. Para além disso, este tipo de análise permite representar os valores temporais do infinitivo em diversas estruturas sintáticas. Não é por acaso que as orações declarativas independentes nunca podem surgir com formas do infinitivo. A agramaticalidade destas estruturas resulta do facto de exigirem o estabelecimento de uma relação entre o PPT e o momento da enunciação, relação esta que o infinitivo não consegue criar.²

O valor (ii) a) permite explicar as relações temporais observadas em frases com orações completivas introduzidas por verbos relativamente “neutros” em termos temporais, ou seja, que não determinam uma orientação específica para as situações que subcategorizam, como as apresentadas em (3) e (4):

- (3) O terrorista afirmou transportar consigo uma bomba-relógio.
- (4) A Maria disse estar em casa.

Tendo em conta que verbos do tipo de *dizer* ou *afirmar* não fornecem, por si só, uma orientação específica para as situações que se encontram no seu escopo (cf. “A Maria disse que {esteve / está / vai estar} em casa”), seria de prever que, caso o infinitivo se revelasse completamente desprovido de marcas de temporalidade, qualquer das leituras possíveis (anterioridade, sobreposição ou posterioridade) fosse licenciada, ao contrário do que os dados nos demonstram – a única interpretação possível para as relações temporais em (3) e (4) é a de sobreposição. Isto sugere que são as formas do infinitivo que, de alguma maneira, contribuem para a localização das eventualidades representadas (cf. Cunha & Silvano, 2006, 2008; Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010; Duarte, Gonçalves & Santos, 2012).

Este valor de sobreposição entre o intervalo de localização da situação descrita pelo infinitivo e o seu PPT ajuda-nos a compreender o paralelismo que se observa entre o comportamento das orações com Infinitivo Simples no contexto de completivas introduzidas por verbos sem uma orientação temporal especificada e as

¹ É importante chamar a atenção para o facto de que, na sua proposta teórica, Kamp & Reyle (1993) utilizam indiferentemente o termo *Present* para designar as relações temporais que uma dada situação estabelece tanto com o momento da enunciação quanto com um outro evento que lhes serve de PPT. Nesse sentido, gostaríamos de deixar aqui bem claro que o Infinitivo Simples não se revela capaz de estabelecer uma relação direta com o momento de fala; *Present*, no contexto em apreço, deve ser interpretado simplesmente como uma relação de sobreposição a uma dada eventualidade, seja esta passada, presente ou futura, *i.e.*, como uma relação anafórica e nunca como um elemento dêitico. Para uma discussão crítica destas questões, veja-se Peres (1993).

² Isto não significa, porém, que o Infinitivo Simples não possa ocorrer, dados os contextos apropriados, em orações independentes, embora não com valor declarativo. Um revisor deste trabalho chama a atenção para exemplos do género de “não fumar” ou de “consumir de preferência antes de 15/09/2020”. Nestes casos estamos perante estruturas de natureza claramente imperativa, que, como tal, devem receber um tratamento diferenciado. Para uma proposta de análise dos designados infinitivos independentes, perfeitamente compatível com as ideias que aqui estamos a defender, veja-se Oliveira (2014), Capítulo 2.



frases simples no Presente do Indicativo, que, como é tipicamente assumido na literatura, estabelece uma relação preferencial de sobreposição com o momento da enunciação (cf. Cunha & Silvano, 2008).³

Assim, e tal como sucede com o Presente em orações independentes, as estruturas envolvendo o Infinitivo Simples no contexto de verbos relativamente “neutros” em termos temporais, quando combinadas com eventos, ou desencadeiam uma certa anomalia semântica (que desaparece completamente quando a forma simples é substituída pela equivalente no Progressivo; cf. (5)-(6)), ou dão origem a leituras de natureza habitual (cf. (7)-(8)), ou, em conjugação com adverbiais temporais que o permitam, favorecem uma leitura de tipo futurativo (cf. (9)-(10)):

- (5) # O Jorge veste o casaco / O Jorge está a vestir o casaco.
- (6) # O Jorge disse vestir o casaco / O Jorge disse estar a vestir o casaco.
- (7) O Pedro faz exercício físico. (leitura preferencial de habitualidade)
- (8) O Pedro afirmou fazer exercício físico. (leitura preferencial de habitualidade)
- (9) A Maria toma conta do cão na próxima sexta-feira.
- (10) A Maria disse tomar conta do cão na próxima sexta-feira.

A informação temporal associada ao Infinitivo Simples pode ser facilmente tornada “inativa” se, no discurso, estiverem presentes elementos capazes de fornecer uma orientação temporal específica para as orações infinitivas. Assim, os valores não especificados (cf. (ii) b) da caracterização temporal do Infinitivo apresentada em cima) da relação entre o intervalo de localização da situação e o seu PPT permitem descrever o comportamento do Infinitivo Simples nas construções com verbos com uma orientação temporal especificada, seja esta prospetiva (cf. o verbo *prometer* em (11)) ou retrospectiva (a forma *lembrar-se* em (12)):

- (11) O João prometeu chegar cedo a casa. ($PPT(e_1) < T(e_2)$)
- (12) Lembro-me de ver na televisão um concerto dos *Rolling Stones*. ($PPT(e_1) > T(e_2)$)

Em casos como estes, o fator relevante para a localização das orações infinitivas parece relacionar-se com as propriedades lexicais dos verbos que as selecionam (cf. Cunha & Silvano, 2006, 2008; Gonçalves, Cunha & Silvano, 2010; Duarte, Gonçalves & Santos, 2012). Na realidade, verbos como *prometer* parecem impor uma leitura de posterioridade às situações que surgem no seu escopo, ao passo que verbos como *lembrar-se* (no sentido de *recordar*) remetem para a anterioridade das eventualidades descritas.

Já nas orações finais infinitivas introduzidas por *para*, que recebem, tipicamente, uma leitura de posterioridade da infinitiva face à principal⁴, tal como ilustrado em (13), parece ser consensual na literatura que a orientação temporal que é conferida à oração infinitiva é causada pelo valor lexical de *para*, na medida em que este remete tipicamente para a posterioridade das situações no seu escopo (cf. Silvano & Cunha, 2016; Oliveira, 2014; Magalhães, 2016):

- (13) O João sentou-se no sofá para ver televisão. ($PPT(e_1) < T(e_2)$)

³ Sublinhe-se que o paralelismo estabelecido diz unicamente respeito ao tipo de relação temporal estabelecido – o de sobreposição –, já que os PPT são necessariamente diferentes: o momento da enunciação para o Presente do Indicativo e o intervalo fornecido pelo verbo matriz para o Infinitivo Simples.

⁴ Consideraremos aqui apenas as orações finais de evento com uma leitura factual (cf. Brito, 2003: 716; Silvano & Cunha, 2016), na medida em que, nestes casos, as relações temporais entre as situações envolvidas se revelam de uma forma mais evidente.



Assim, o PPT fornecido pela oração principal precede necessariamente o intervalo ocupado pela situação representada na infinitiva.⁵

Se esta linha de raciocínio está correta, i.e., se *para* revela a capacidade de influenciar a localização temporal das situações com que se combina, conferindo-lhes, nomeadamente, uma orientação futura, é de prever que as completivas introduzidas pela forma em questão manifestem um comportamento que, pelo menos em alguns aspetos, se assemelhe ao das orações finais. Procuraremos, na secção seguinte, verificar se tal hipótese se confirma e se a nossa proposta de caracterização temporal do infinitivo explica os valores temporais nas completivas infinitivas introduzidas por *para*.

3. Breve caracterização das orações completivas introduzidas por *para*

As orações completivas infinitivas introduzidas por *para* são tipicamente selecionadas por verbos diretivos como *dizer*, *ordenar*, *pedir*, *solicitar* ou *rogar*.

Considera-se, na literatura sobre o tema (cf. e.g. Duarte, 2003; Barbosa & Raposo, 2013; Oliveira, 2014), que, neste tipo de orações completivas infinitivas, *para* se assume como um complementador de pleno direito. Na realidade, *para* integra o domínio da oração encaixada (e não o da principal; cf. a comparação entre (15) e (16)).^{6/7}

(14) A mãe pediu à Maria para chegar cedo a casa.

(15) A mãe pediu isso à Maria.

(16) *A mãe pediu para isso à Maria.

Existe, no entanto, um outro grupo de orações completivas infinitivas introduzidas por *para* que manifestam um comportamento bastante diferente. Referimo-nos àquelas completivas introduzidas por verbos como *contribuir* ou *apelar*, em que *para* se assume como uma verdadeira preposição.

Nestes casos, *para* integra o domínio da oração matriz, como o contraste entre (18) e (19) nos revela.

(17) A tempestade contribuiu para atrasar a partida do avião.

(18) *A tempestade contribuiu isso.

(19) A tempestade contribuiu para isso.

Embora não seja nosso objetivo estabelecer as diferenças entre estes dois tipos de orações completivas com *para* de forma exaustiva, é de notar que, para além das diferenças sintáticas já referidas, parece haver outras de natureza semântica, nomeadamente em relação à coocorrência com o Infinitivo Composto. Numa primeira

⁵ Ignoramos aqui a interferência de fatores como a classe aspetual das situações envolvidas que, de alguma forma, podem interferir com a interpretação final das relações temporais observadas nas orações finais. Para um estudo deste tipo de condicionalismos, veja-se Silvano & Cunha (2016). No artigo em questão, na secção 3.6, são igualmente discutidos aparentes contraexemplos relacionados com as restrições impostas por certas relações retóricas, nomeadamente a de Paralelismo.

⁶ Assumindo que o pronome *isso* substitui toda a oração infinitiva, podemos afirmar que, (i) no caso de integrar a oração encaixada, *para* não poderá coexistir com a forma pronominal, na medida em que faz parte do domínio de substituição; (ii) no caso de integrar a oração matriz, então a sua comparência será sempre obrigatória.

⁷ Apesar de Duarte (2003:621-622) apontar a impossibilidade de o complementador “para” ocorrer com o complementador “que”, em exemplos como “A professora pediu aos alunos para que saíssem”, sublinhe-se, no entanto, que, em casos como estes, poderemos estar perante uma estrutura não totalmente estabilizada, na medida em que, como alerta um revisor deste trabalho, a quem agradecemos a observação, é possível encontrar exemplos em que “para” e “que” parecem coexistir sem problemas no contexto em questão, tal como ilustrado em (i), retirado do *corpus* CetemPúblico:

(i) Uma das últimas vezes foi quando um amigo lhe pediu para que falasse perante um congresso de médicos no problema das glândulas supra-renais. (CetemPúblico, *par=ext22093-pol-94b-1*)



leitura, quer as orações selecionadas por verbos diretivos, quer as que coocorrem com verbos como *apelar* ou *contribuir* na frase superior têm uma leitura prospetiva, o que explica a agramaticalidade de exemplos como os seguintes:

- (20) *A mãe disse ao João para ter comprado um telemóvel novo.
- (21) *Os moradores apelaram ao Presidente da Câmara para ter esquecido o aumento dos impostos.

O caso, no entanto, parece revestir-se de uma maior complexidade quando analisamos mais de perto as completivas que integram a preposição *para*. Se é certo que exemplos como (21) seguem o padrão comum às completivas com complementador *para*, existem casos problemáticos, como (22) ou (23), em que o Infinitivo Composto pode comparecer sem gerar anomalia semântica:

- (22) As divergências entre os vários partidos contribuíram para o acordo ter falhado.
- (23) Vários fatores convergiram para o acordo ter falhado.

Note-se, no entanto, que, mesmo nos casos em que pode comparecer o Infinitivo Composto, a relação temporal que se observa entre as situações representadas nas duas orações parece continuar a ser aquela em que a situação da infinitiva se localiza num intervalo posterior ao da principal, i.e., $e_1 < e_2$. O contraste entre os exemplos que se seguem parece confirmar esta afirmação:

- (24) O debate da semana passada contribuiu para o candidato ter apresentado a sua desistência ontem.
- (25) *O debate de ontem contribuiu para o candidato ter apresentado a sua desistência na semana passada.

O facto de se manter uma relação de posterioridade entre a situação encaixada e a da frase superior sugere que a relação de anterioridade veiculada pelo Infinitivo Composto parece reportar-se ao momento de enunciação. No entanto, uma vez que as condições de licenciamento para o Infinitivo Composto parecem depender de um conjunto bastante complexo de fatores, que, em alguns aspetos, transcendem o tipo de configuração em que este se encontra envolvido, e o seu comportamento semântico difere do Infinitivo Simples no que diz respeito às propriedades temporais, teremos de deixar a sua análise para trabalhos futuros.

4. Comparação entre orações finais e orações completivas introduzidas por *para*

As orações finais e as orações completivas com *para* partilham alguns comportamentos. Assim, nas suas correspondentes finitas, estas orações exibem sempre o modo Conjuntivo e nunca o Indicativo, dando origem a leituras de caráter eminentemente modal, em que as situações são tipicamente projetadas para o domínio da possibilidade ou do futuro (cf. (29)-(31)):

- (26) A secretaria de Estado preparou um *dossier* sobre o assunto para Marçal Grilo entregar aos seus pares no Governo (...). (CetemPúblico, *par=ext1248030-soc-96b-1*)
- (27) Contudo, ele insistiu em falar com o chefe dos repórteres de imagem, que lhe disse para deixar o currículo. (CetemPúblico, *par=ext18713-clt-96b-1*)
- (28) (...) «a pulverização de empresas do sector contribuiu para se perderem bons operários e ganharem maus gestores». (CetemPúblico, *par=ext900226-eco-92b-1*)
- (29) A secretaria de Estado preparou um *dossier* sobre o assunto para que Marçal Grilo {entregasse/ entregue/ *entregou/*entregava/ *entrega} aos seus pares no Governo.



- (30) Contudo, ele insistiu em falar com o chefe dos repórteres de imagem, que lhe disse para que {deixasse/ deixe/ *deixou/ *deixava/ *deixa} o currículo.
- (31) A pulverização de empresas do sector contribuiu para que se {perdessem/ percam/ * perderam / *perdiam/ *perdem} bons operários e (se) {ganhassem/ ganhem/ *ganharam/ *ganhavam/ *ganham} maus gestores.

Uma outra propriedade que parece ser comum a estes três tipos de construções prende-se com a impossibilidade de surgimento do Infinitivo Composto nas orações subordinadas com que se combinam, como ilustrado nos exemplos seguintes:

- (32) *A mãe deu dinheiro ao João para ter comprado um telemóvel novo.
- (33) *A mãe disse ao João para ter comprado um telemóvel novo.
- (34) *Os moradores apelaram ao Presidente da Câmara para ter esquecido o aumento dos impostos⁸.

No que diz respeito às relações temporais que se estabelecem entre as situações representadas na oração principal e na infinitiva (em que figura o Infinitivo Simples), podemos observar alguma sistematicidade quando consideramos as estruturas que temos vindo a investigar ao longo desta secção. Assim, tanto nas orações finais quanto em completivas com *para*, podemos dizer que o PPT da eventualidade da oração infinitiva é sempre o intervalo de localização da situação da oração principal, verificando-se uma relação constante de posterioridade do intervalo de localização da situação da oração infinitiva em relação ao seu PPT, como se pode atestar pelos exemplos de (35) a (40).

- (35) A mãe deu dinheiro ao João para comprar um telemóvel novo. ($e_1 < e_2$)
- (36) A Maria fechou-se no quarto para estar sozinha. ($e < s$)
- (37) A mãe disse ao João para comprar um telemóvel novo. ($e_1 < e_2$)
- (38) A Maria pediu aos amigos para estar sozinha. ($e < s$)
- (39) A crise contribuiu para o partido perder as eleições. ($e_1 < e_2$)
- (40) O governo apelou aos cidadãos para estarem em isolamento. ($e < s$)

Como se pode observar pelos exemplos anteriores, a classe aspetual da subordinada parece não ter uma influência decisiva no que diz respeito à relação temporal que se estabelece entre os intervalos relevantes no contexto das construções observadas: obtemos leituras de posterioridade independentemente de estarem representados eventos ou estados⁹.

A relação temporal de posterioridade da eventualidade no Infinitivo face ao respetivo PPT parece, igualmente, ser independente do tempo gramatical representado na frase matriz, na medida em que não sofre qualquer variação significativa quando são selecionadas formas que remetem para o passado, para o presente ou para o futuro:

⁸ Veja-se, no entanto, o que é referido no final da secção anterior sobre completivas com Infinitivo Composto.

⁹ Isto não significa, no entanto, que os fatores aspetuais devam ser completamente ignorados neste tipo de estruturas. Na realidade, tal como mostrado em Silvano & Cunha (2016), os intervalos de localização das situações representadas pelas orações finais podem estabelecer uma relação de sobreposição parcial com os intervalos ocupados pelas situações da frase matriz na presença de estados não faseáveis (cf. (i)).

(i) A Maria esteve em França para jogar ténis.

Sublinhe-se, a este respeito, que, mesmo nestas construções, defendemos a ideia de que (i) o PPT para a situação na subordinada é fornecido pelo tempo da frase matriz e (ii) a relação de posterioridade entre os intervalos relevantes não sofre alterações significativas (neste caso, é necessário que primeiramente a Maria esteja em França e só depois se verifique o evento de jogar ténis). O que acontece é que, dado que os estados manifestam a propriedade de se prolongarem para além dos respetivos intervalos de realização, podem, de forma indireta, estabelecer com as situações com que coocorrem relações de sobreposição (parcial) ou de inclusão.



- (41) A mãe {deu/ dá/ está a dar/ vai dar} dinheiro ao João para comprar um telemóvel novo. ($e_1 < e_2$)
(42) A Maria {fechou-se/ fecha-se/ está a fechar-se/ vai fechar-se} no quarto para estar sozinha. ($e < s$)
(43) A mãe {disse/ diz/ está a dizer/ vai dizer} ao João para comprar um telemóvel novo. ($e_1 < e_2$)
(44) A Maria {pediu/ pede/ está a pedir/ vai pedir} aos amigos para estar sozinha. ($e < s$)
(45) A crise {contribuiu/ contribui/ está a contribuir/ vai contribuir} para o partido perder as eleições. ($e_1 < e_2$)
(46) O governo {apelou/ apela/ está a apelar/ vai apelar} aos cidadãos para estarem em isolamento. ($e < s$)

Dada a caracterização que acabámos de realizar, parece ser possível sustentar a hipótese de que, pelo menos neste tipo de configurações, a forma *para* se relaciona consistentemente com as interpretações prospetivas das orações infinitivas com que interage, devendo, por conseguinte, ser tomada em consideração na sua análise. Nessa medida, a comparação entre estes três tipos de estruturas parece confirmar a ideia, avançada, por exemplo, em Silvano & Cunha (2016) relativamente às orações finais, de que são as propriedades lexicais associadas a *para* que, em última instância, condicionam a interpretação das infinitivas, conferindo-lhes uma leitura de natureza prospetiva.

Isto não significa, no entanto, que não devam ser tidos em consideração outros fatores linguísticos que intervêm nas configurações sob análise. Com efeito, a interpretação global das estruturas que aqui estamos a investigar depende não apenas da interação que se estabelece entre as propriedades lexicais de *para* e o valor do Infinitivo, mas também da contribuição de elementos como os advérbios temporais, as classes aspetuais de predicções ou as relações retóricas (cf. Silvano & Cunha, 2016), que desempenham um papel fulcral para a constituição do seu significado.

5. Conclusão

No presente trabalho procedemos à comparação das relações temporais que se estabelecem entre as situações em frases com orações infinitivas (com Infinitivo Simples) em três configurações distintas: orações finais com *para*; orações completivas com *para* com função de complementador e orações completivas com *para* como preposição subcategorizada pelo verbo da frase superior.

Apesar de termos constatado algumas divergências, em termos de comportamento linguístico, foram também bem evidentes as semelhanças que se puderam observar entre as construções em análise, nomeadamente no que se refere à emergência de leituras consistentes de posterioridade da situação da oração infinitiva face ao PPT, que é o intervalo de localização da situação da frase superior.

Com o objetivo de propor um tratamento unificado para o comportamento manifestado por estas estruturas ao nível temporal, colocámos a hipótese de que são as propriedades lexicais de *para* que, em última instância, favorecem as leituras prospetivas sistematicamente obtidas.

Uma análise como a que acabámos de apresentar revela-se, por outro lado, perfeitamente compatível com o tratamento proposto para a caracterização do Infinitivo Simples como uma forma temporalmente defetiva, sendo capaz de estabelecer uma relação temporal de sobreposição entre o intervalo de localização da situação por ele representada e o seu PPT, mas nunca, de forma direta, com o momento de enunciação. No entanto, esse traço [pres] (no sentido de sobreposto a um dado PPT, tal como originalmente formulado em Kamp & Reyle, 1993) somente se encontra especificado quando não existem outros elementos na estrutura capazes de suprir a informação temporal requerida. Por outras palavras, a informação temporal associada ao Infinitivo Simples apenas se torna pertinente nos casos em que nenhuma outra forma linguística desempenhe um papel relevante na conformação temporal da estrutura. Ora, dado que *para* parece contribuir decisivamente para a localização da oração infinitiva com que se combina em termos de posterioridade, o Infinitivo Simples seria, neste género de contextos, não especificado quanto aos seus traços temporais.



A confirmação ou infirmação da caracterização que propusemos para o Infinitivo Simples, particularmente no que respeita à (não) especificação de traços temporais de sobreposição ao respetivo PPT requer, no entanto, a investigação de um conjunto mais vasto de contextos de ocorrência de orações infinitivas. Assim, será importante, em trabalhos futuros, explorar, por exemplo, o que se passa com as completivas de verbos perceptivos ou com as orações adverbiais introduzidas por *a* e *ao* (Silvano, Cunha & Leal 2019)¹⁰.

Um outro ponto a considerar em investigação futura passa pela análise comparativa das propriedades temporais subjacentes ao Infinitivo, ao Gerúndio e ao Particípio Passado, no sentido de propor um tratamento tão unificado quanto possível para as formas não finitas em Português Europeu.

Referências:

- Abusch, Dorit (1997) Sequence of Tense and temporal de re. *Linguistics and Philosophy* 20 (1), pp. 1-50.
- Abusch, Dorit (2004) On the temporal composition of Infinitives. In Jacqueline Guéron & Jacqueline Lecarme (eds.) *The Syntax of Time*. Massachusetts: MIT Press, pp. 27-53.
- Barbosa, Pilar & Fátima Cochofel (2004) O infinitivo preposicionado em PE. In *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 387-400.
- Barbosa, Pilar & Eduardo Paiva Raposo (2013) Subordinação argumental infinitiva. In E. Paiva Raposo et al. (orgs.) *Gramática do Português*, vol. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 1899-1977.
- Cunha, Luís Filipe & Purificação Silvano (2006) A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 303-314.
- Cunha, Luís Filipe & Purificação Silvano (2008) Algumas evidências em favor da existência de temporalidade no Infinitivo Simples. In Sónia Frota & Ana Lúcia Santos (orgs.) *Textos Seleccionados do XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL / Colibri, pp. 179-191.
- Duarte, Inês (1992) Complementos infinitivos preposicionados e outras construções temporalmente defectivas em Português Europeu. In *Actas do VIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 145-158.
- Duarte, Inês (2003) Subordinação completiva – as orações completivas. In Maria Helena Mira Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 595-651.
- Duarte, Inês, Anabela Gonçalves & Ana Lúcia Santos (2012) Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo. In Ana Costa, Cristina Flores & Nélia Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL / Colibri, pp. 217-234.
- Gonçalves, Anabela, Luís Filipe Cunha & Purificação Silvano (2010) Interpretação temporal dos domínios infinitivos na construção de reestruturação do Português Europeu. In Ana Maria Brito, Fátima Silva, João Veloso & Alexandra Fiéis (orgs.) *Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 435-447.

¹⁰ Será igualmente interessante explorar construções que, pelo menos numa primeira análise, desafiam a generalização aqui desenvolvida, como as que apresentamos em seguida e que nos foram sugeridas por um revisor deste trabalho:

- (i) A Câmara Municipal gastou dez toneladas de mármore para repavimentar a praça.
- (ii) O governo demorou dez anos para construir a nova ponte.

Independentemente da natureza a atribuir a este género de estruturas, acreditamos que o estatuto semântico de *para* não será exatamente idêntico àquele que lhe atribuímos nas construções discutidas neste trabalho, porquanto parece alternar com a preposição *a* sem aparente alteração de significado (cf. “O governo demorou dez anos {para / a} construir a nova ponte”).



- Hernanz, Maria Lluïsa (1999) El Infinitivo. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (orgs.) *Gramática de la Lengua Española. Las construcciones sintácticas fundamentales. Relaciones temporales, aspectuales y modales*. Vol. 2, cap. 36, Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A., pp. 2195-2356.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Katz, Graham (2001) (A)temporal complements. In C. Fery & W. Sterneeld (ed.) *Audiatur Vox Sapientiae*. Berlin: Akademie, pp. 240-258.
- Magalhães, Ana (2016) *A Preposição para e as Subordinadas Infinitivas Completivas, Relativas Infinitivas e Adverbiais Finais – Contrastes*. Dissertação de mestrado, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ogihara, Toshiyuki. (1996) *Tense, Attitudes and Scope*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Oliveira, Inês (2014) *Usos Verbais e Nominais do Infinitivo em Português Europeu*. Dissertação de doutoramento. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Peres, João Andrade (1993) *Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese*. Cadernos de Semântica 14, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Raposo, Eduardo (1987) Case Theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.
- Rau, Jennifer (2011) *Semantic and Syntactic Differences between Finite and Infinitival Complements in German*. Ph.D. dissertation. Tübingen Fakultät der Universität.
- Silvano, Purificação (2002) *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*. Dissertação de mestrado, Braga: Universidade do Minho.
- Silvano, Purificação & Luís Filipe Cunha (2016) Sobre a caracterização temporal de frases complexas com orações adverbiais finais com *para* em Português Europeu. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 2, pp. 381-402.
- Silvano, Purificação; Luís Filipe Cunha & António Leal (2019) How tenseless are non-finite forms? The case of the Infinitive and Gerund in European Portuguese. Oral Presentation. Workshop *Tenselessness*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Stowell, Tim (1982) The tense of infinitives. *Linguistic Inquiry* 13, pp. 561-570.
- Stowell, Tim (2007) Sequence of perfect. In Louis de Saussure, Jacques Moeschler & Genoveva Puskas (eds.) *Recent Advances in the Syntax and Semantics of Tense, Mood and Aspect* (Trends in Linguistics Vol. 185). Berlin: Mouton de Gruyter, pp. 123-146.
- Wurmbrand, Susi (2014) Tense and Aspect in English infinitives. *Linguistic Inquiry* 45 (3), pp. 403-447.

